



## Morte no jornalismo: a percepção do óbito pelos leitores de Zero Hora

Natalia Ribeiro<sup>1</sup>  
Rozana Ellwanger (Orientadora)<sup>2</sup>  
Centro Universitário Univates, RS

**Resumo:** A morte é real. Está presente em rodas de conversa, quando vítima alguém ou ainda no exercício da reflexão. Vista como tabu por alguns, ela sempre vem à tona. Os jornais são importantes nesse processo, no que tange à divulgação de notícias de morte e obituários. Através dessas matérias a comunidade é informada sobre o ocorrido. A leitura do texto pode despertar sentimentos e estimular pensamentos naqueles que acompanham o material. Por isso, esse trabalho analisa quais as percepções dos leitores dos obituários do jornal Zero Hora.

**Palavras-chave:** Morte; Jornalismo; Recepção; Obituários; Zero Hora.

### Jornalismo e morte

Desde a publicação dos primeiros jornais, os veículos de mídia impressa reúnem informações do cotidiano, que tratam de assuntos de interesse público e despertam a atenção do leitor. Além de informar, os folhetins priorizam conteúdos que garantem a empatia dos leitores. Temas como trânsito, política, economia e entretenimento ocupam as páginas dos impressos. A morte, por sua vez, está entre os assuntos abordados pelos jornais. Situação corriqueira na vida das pessoas, ela, além de estar presente na editoria policial, aparece nas notas de falecimento.

---

<sup>1</sup> Professora de jornalismo do Centro Universitário Univates. Email: nataliarib@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora de jornalismo do Centro Universitário Univates. Email: rozana@gazetadosul.com.br

A morte desperta o interesse do leitor que, curioso pela identidade do falecido, é atraído para a seção dos obituários. Os textos dessa categoria são multiformes: podem ter estilo literário, serem estritamente informativos ou até concisos, no formato de notas. As suas características podem depender de orientações dos familiares, desejos expressos pelo morto em vida ou escolhas dos jornalistas.

## **A morte**

Para falar da inserção de notícias que tratam sobre a morte nos jornais, é necessário primeiro abordar o óbito. A relação do homem com a morte mudou ao longo do tempo. Passou de uma etapa de contemplação, quando morria em casa e era rodeado de outras pessoas durante a enfermidade, para um período em que rejeita o simples fato de falar sobre falecimento.

A morte está para o homem assim como a vida. O fim da existência terrena é tão real quanto o nascimento. Para Guandalini (2010, p. 4) a morte ocupa “uma posição básica na existência da humanidade. O homem é o único ser vivo que pensa a sua existência, conseqüentemente, na sua morte”. Os humanos pensam sobre a morte, pois todos estão fadados à finitude. Kóvac (2002, p. 2) entende que “entrelaçamos vida e morte durante todo o nosso processo de desenvolvimento vital”. Dessa forma, segundo Giacoia (2005, p. 13), “se considerado no inteiro conjunto da natureza, o homem é o único animal metafísico – e ele o é porque sua condição existencial lhe proporciona esse privilégio suspeito: o de ser o único animal que sabe por antecipação da própria morte”.

Apesar de ter conhecimento sobre a morte, o homem a observa como sendo um tabu. Portanto, compreender essa reação do próprio corpo é quase impossível. Sobre isso, Morin (1970) destaca que para o ser humano – mais do que às outras criaturas – a morte tem um peso crucial em todas as atividades que exerce.

Segundo o autor, não há aquele que, em algum momento da sua vida, não tenha se questionado sobre a morte e com ela se preocupado. Isso acontece porque “o homem sofre para além do presente, nas dimensões do passado e do futuro, e se pergunta pelo sentido de sua existência - exatamente porque sua única certeza é a de estar destinado a morrer” (GIACOIA 2005, p. 13).

Consciente daquilo que o espera, o homem se prepara durante toda a vida para enfrentar a morte. Ele está disposto a confrontar esse momento, pensando que “podemos encarar a morte como um fato de nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida” (ELIAS, 2001, p. 7).

Porém, mesmo conscientes de que a morte alcançará a todos aqueles que vivem, as pessoas desenvolvem formas de compreensão particulares. Ariés (2003, p. 25) relata que “a atitude diante da morte pode parecer quase imóvel através de períodos muito longos de tempo. Aparece como acrônica. Entretanto, em certos momentos intervêm mudanças, frequentemente lentas, por vezes despercebidas”.

### **A morte perante a sociedade ocidental**

A sociedade ocidental tem as suas raízes na civilização grega, considerada o berço do judaísmo e do cristianismo, segundo Caputo (2008, p. 75). As características dessas orientações religiosas exerceram influência desde a Idade Média até a Idade Contemporânea. Ariés (2003) determina quatro fases para o culto e estudo da morte perante a sociedade ocidental: “a morte domada, a morte de si mesmo, a morte do outro e a morte interdita”.

A morte domada faz referência ao óbito anunciado no período medieval, em que o doente era advertido sobre quanto tempo de vida lhe restava. O aviso era emitido através de signos naturais, e não premonições. Nessa fase, o óbito se tornou uma cerimônia pública e organizada.

A pessoa que estava desfalecida era responsável pela organização do rito. Isso se tornava possível porque o moribundo era avisado previamente sobre quanto tempo de vida ainda o restava. A despedida tomava caráter de acontecimento público e transcorria no quarto do próprio enfermo, chamado de leito.

Conscientes de que o fim estava próximo, alguns dos moribundos aproveitavam-se da ocasião para desculpar-se de alguma possível desavença. Parentes, vizinhos, amigos e até crianças participavam do ato. “Não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças” (ARIÉS, 2003, p. 34).

Na morte de si mesmo, estabelecida por Ariés (2003) entre os séculos XV e XII, a civilização ocidental manteve determinados rituais relacionados à morte, porém, modificou outros. Nesse período o homem não cogitava evitar a morte, apenas a aceitava. Entre modificações, foram adotados símbolos que representassem o julgamento de Deus aos humanos. Os túmulos, por exemplo, contavam com imagens que reportavam ao livro bíblico de Apocalipse, que trata sobre o juízo final.

Os rituais de despedida dos mortos ganharam força através de alianças com a igreja. Mais do que nunca, as pessoas tinham zelo pelos relatos bíblicos que apontavam a finitude humana. A crença não era de vida após a morte, mas de uma conexão entre o falecimento e o final dos tempos. Para Caputo (2008) a morte tinha dois resultados nesse período: descida ao inferno, com a ideia de sofrimento eterno, ou a ascensão aos céus. Para a fé, o destino do morto dependeria da sua conduta antes da morte.

A morte do outro, por sua vez, é caracterizada pelo autor como um novo sentido à morte, a partir do século XVIII, em que há a exaltação do óbito, acrescido de drama. Nessa fase, a morte do outro passa a ser romântica e cercada da saudade do falecido e de dramatização pelo ocorrido. Guandalini (2010, p. 16) ressalta ainda que “o aspecto do sagrado estava inserido no contexto da época. A salvação depois da morte dependia da proximidade com lugares, objetos e indivíduos que representavam este aspecto”. Segundo o autor, isso explica a utilização de símbolos durante o ritual de passagem.

O processo de transformação no sentido da morte ocorreu de maneira gradual, porém os humanos não perceberam essa mutação. A sociedade se habituou a tratar do falecimento a partir de uma visão individualista, diferente do comportamento adotado na Idade Média. Independente do período em que transcorre, a manifestação do luto é também a revelação do destino humano. As particularidades da vida surgem no momento de dor, e é nesse instante que são feitas referências simbólicas sobre a trajetória de vida do falecido.

Agora a morte já não acontece em casa, mas em locais como hospitais e postos de saúde. Ariés (2003, p. 86) diz que já “não se sabe qual a verdadeira morte, aquela que se perdeu a consciência ou aquela em que se perdeu a respiração”. O doente deixou de ser notificado sobre seus últimos dias de vida. Agora ele recebe o diagnóstico de uma doença e procura tratamento médico. Antes ele teria o seu fim terreno previsto e seria

encaminhado imediatamente ao leito de morte, uma das quatro fases para o culto e estudo do óbito, apontadas por Ariés (2003).

Atualmente, a morte passou a ser tratada como algo instantâneo. Diferente do que acontecia em séculos passados, agora o falecimento se tornou um processo súbito, que é dissolvido rapidamente. A instantaneidade que a morte adquiriu na atualidade pode ser relacionada com o modo instantâneo em que o jornalismo é praticado. Seixas (2013) explica que a instantaneidade é categoria fundamental do jornalismo, pois as teorias que o cercam são uma forma de conhecimento sobre a realidade atual.

Percebe-se ainda uma banalização da morte, que pode estar ligada com a forma como ela se apresenta também nos meios de comunicação. A cada dia a sociedade é exposta a diversos óbitos ocasionados a partir de desastres naturais, tragédias e crimes.

Hoje as pessoas desejam que a morte seja rápida, instantânea. A reflexão e as despedidas não integram o ritual de morte desenhado pelos humanos da atualidade. Ainda em decorrência desse novo pensamento, a morte súbita, ou durante o sono, é desejada por muitos. Em geral, as pessoas têm medo de como transcorrerá a sua morte e temem que a dor faça parte desse processo. “A morte é vista apenas no sentido negativo, apenas como um fim do seu corpo físico” (GUANDALINI, 2010, p. 30).

O homem não mudou, mas sim a forma como ele vê a morte. Desejar que o seu próprio falecimento fosse instantâneo permite aos humanos incorporar a essa etapa da vida o pensamento heroico, de uma passagem que, para os homens da atualidade, pode representar bravura.

## **Diante da morte dos outros**

A vida é composta de etapas. Há o nascer, viver e morrer. Apesar de o homem ter a certeza de que todos os seres vivos morrerão, aceitar a morte não é tarefa fácil. Nesse processo, desenvolve-se o luto. Esse sentimento está ligado a alguns fatores, entre eles o pesar pela morte de alguém próximo, tristeza pela perda e o comportamento em sinal de comoção pela morte de uma pessoa.

Aqueles que se preocupam com os efeitos do luto têm de levar em consideração os muitos fatores possíveis quando tentam explicar as diferenças entre as respostas das pessoas a esse acontecimento. Não basta dizer que a perda de

um objeto de amor causa pesar e deixar como está. O pesar do luto pode ser forte ou fraco, breve ou prolongado, imediato ou adiado. Seus aspectos podem ser distorcidos e os sintomas que geralmente causam poucos problemas tornam-se grandes fontes de sofrimento (PARKES, 1998, p. 145).

Dessa forma, entende-se que o luto é sentido de formas diferentes pelas pessoas. Alguns expressam dor pela perda, enquanto outros demoram mais a demonstrar algo. Isso, porém, não significa que não estejam enlutados. Cada um reage de uma maneira diferente perante o processo de morte.

Publicar a morte em jornais é uma realidade. As famílias, amigos e pessoas próximas adotam o anúncio como um ritual de passagem, que envolve a partida de alguém. Enlutados, eles fazem com que a memória do falecido seja preservada e ainda anunciam a ocorrência para toda a comunidade.

Apesar de a morte representar um momento triste aos próximos, esses ainda fazem questão de lembrar-se do passamento através dos jornais. E se não bastasse, anunciam notas de agradecimento, convites para missas e lembretes de aniversário de morte. Parkes (1998, p. 145) diz que “nunca seremos capazes de entender em sua totalidade qualquer aspecto do comportamento humano, assim como não podemos esperar identificar os aspectos mais importantes da conduta resultante em todos os casos de luto”.

Apesar de contraditório, anunciar falecimentos à sociedade demonstra a dor das pessoas. Em relação a esse paradoxo, Parkes (1998, p. 199) pergunta: “[...] mesmo se acreditarmos que os rituais relacionados ao luto não têm qualquer valor para os mortos, será que não têm valor para os vivos?”.

Nesse caso, o valor da notícia de morte publicada no jornal impresso diz respeito ao culto e preservação da memória do falecido. Castells (1999, p. 481) afirma que “separando a morte da vida e criando sistema tecnológico para fazer que esta crença dure o suficiente, construímos a eternidade durante nossa existência”. Anunciar é lembrar, eternizar. Manter vivo, mesmo que, na memória, aquele já tenha partido da vida terrena.

## **Percepções sobre a morte**

O presente trabalho avalia as percepções dos leitores de Zero Hora quanto à publicação de mortes na seção de obituários do jornal. Lago e Benetti (2007) entendem

que “se o discurso depende dos sujeitos para existir, isso significa que é produzido por esses sujeitos – não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê” (2007, p. 108). Assim, entende-se que o leitor participa da construção da mensagem do obituário, pois interpreta esse material, fazendo-se valer da ideia de que “esse sistema é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário” (2007, p. 109).

O leitor se torna um receptor do material publicado pelo jornal. De acordo com o *Dicionário da Análise de Discurso* (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008), o receptor é a pessoa que recebe, registra e decodifica a mensagem recebida pelo emissor.

Para atingir tal objetivo, o trabalho utiliza um questionário misto, com perguntas abertas e fechadas, compreendendo que se trata de uma “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, [...] comportamento presente ou passado etc” (GIL, 2012, p. 121). A ferramenta aponta o que as pessoas sabem, esperam ou pensam da seção.

O questionário foi aplicado entre os dias 10 e 12 de agosto de 2015 em Lajeado, e nos dias 18, 19, 20 e 23 de agosto de 2015 em Porto Alegre, com pessoas abordadas aleatoriamente nas ruas das duas cidades. O levantamento utiliza como base os dados do Instituto Veiculador de Comunicação (IVC), referentes a junho de 2015, para estabelecer a amostra. Segundo a entidade, a tiragem do jornal Zero Hora, de segunda a domingo, é de 170.972 exemplares. Decidiu-se aplicar o questionário com 0,01% da amostragem. Para tanto, 170 pessoas foram ouvidas, sendo 153 em Porto Alegre e 17 em Lajeado, visto que a circulação do jornal é maior na Capital do estado.

## **Resultados da pesquisa**

A partir de questionários aplicados aleatoriamente, o levantamento apresenta os dados obtidos com a primeira pergunta “Qual a sua idade?”, que separa os entrevistados por número e faixa etária. A maior (Gráfico 1) amostra está concentrada entre 21 e 30 anos. Não há entrevistados nas faixas de 0 a 10, 81 e 90 e 91e 100 anos.

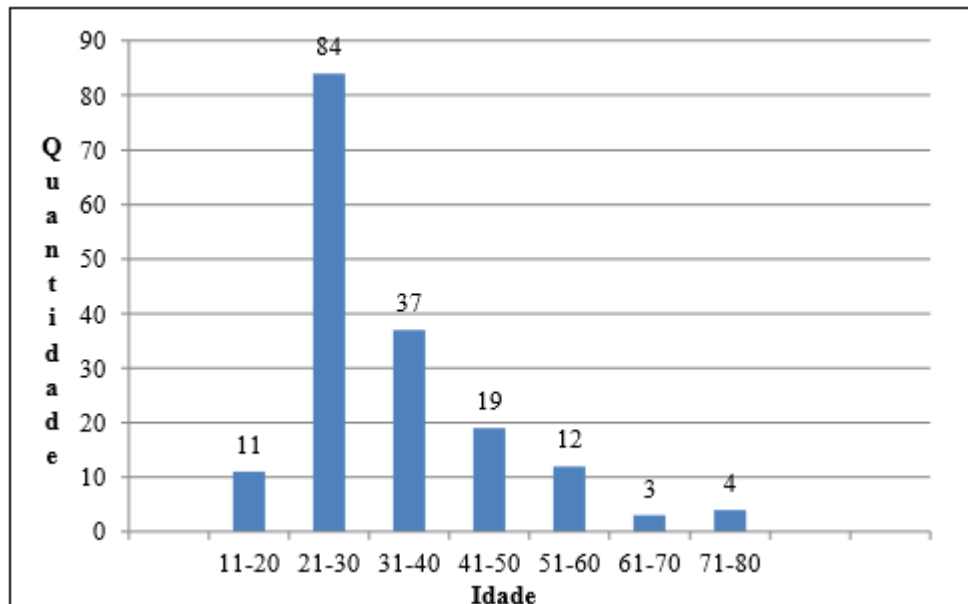


Gráfico 1. Fonte: elaborado pela autora.

A pergunta 2 “Você aprova ou desaprova a publicação de morte em jornais?” leva em consideração a amostra, de 170 pessoas, para saber quantos são favoráveis e contrários à publicação. Os entrevistados estão separados nas cores azul e vermelho (Gráfico 2), e também pela faixa etária.

Do total da amostra, 136 pessoas (80%) aprovam e 34 (20%) desaprovam a publicação de notícias de morte. A diferença é maior na faixa de 20 a 30 anos, em que 68 pessoas dizem sim e 16 não.



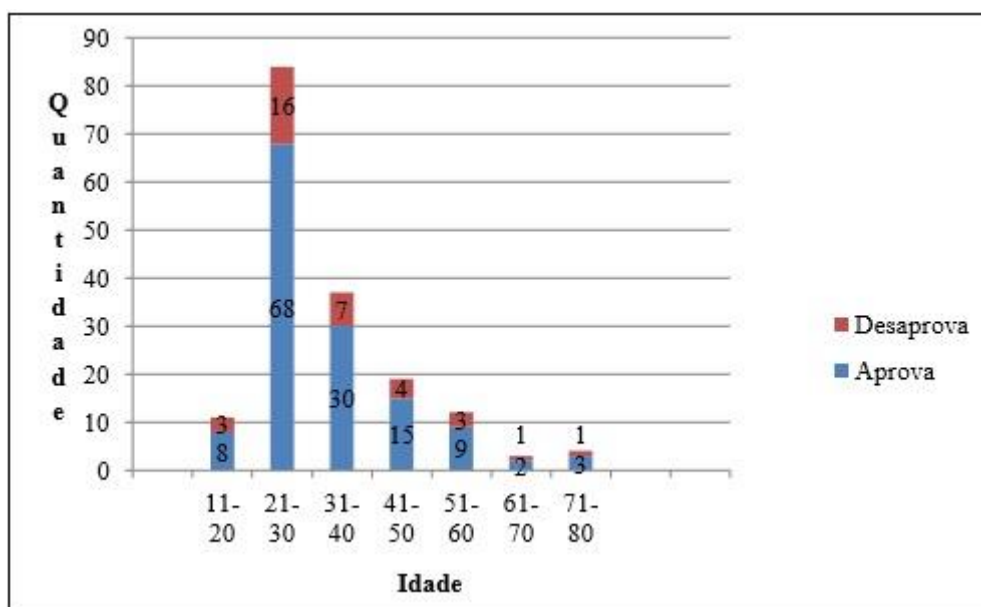


Gráfico 2. Fonte: elaborado pela autora.

A questão 3 “Você já ouviu falar da seção de obituários do jornal Zero Hora?” apura se os entrevistados conhecem ou não os obituários do impresso. No total, 119 pessoas disseram conhecer a seção, enquanto 51 entrevistados disseram desconhecer-la.

Levando em consideração a amostra de pessoas que disseram conhecer a seção, a questão número 4 apura “Você lê a seção com certa frequência?”. Sessenta e nove entrevistados disseram sim, contra 50 respostas negativas à pergunta.

O questionamento 5 “O que desperta a sua atenção nos obituários e faz com que leia o texto?” mostra qual é o elemento que chama a atenção do leitor na seção. As opções são título<sup>3</sup>, texto, foto e localização da página. No total, 69 pessoas responderam a questão – apenas as que afirmaram ler os obituários com frequência.

A partir do levantamento é possível afirmar que a foto atrai o maior número de leitores para os obituários, já que recebeu 34 respostas, seguido do texto, com 18, título, com 15, e localização da página, com quatro indicações. Os números mostram que os leitores procuram, através da foto, imaginar como era o falecido. Processo semelhante

---

<sup>3</sup> Os obituários de Zero Hora recebem título apenas quando se trata da morte de um famoso. Isso indica que o título só poderá atrair a atenção do leitor quando o jornal publicar um texto sobre o falecimento de um célebre.

acontece com o título e o texto. Já a localização na página, índice com a menor indicação, aponta que a maneira como os obituários estão dispostos no jornal não é um atrativo para o leitor.

A pergunta 6 “A leitura dos obituários de Zero Hora provoca algum tipo de pensamento ou sentimento? Qual?” foi aplicada com 69 pessoas, que afirmam ler os textos com frequência. Entende-se que não teria sentido questionar o tema aos que não leem a seção.

O questionamento recebeu 18 respostas diferentes (Gráfico 7), sendo que algumas foram mencionadas apenas uma vez, com 10,1% da amostra. Esse é o caso das expressões “Penso na idade do morto”; “Penso que é uma má notícia”; “Penso que pessoas da minha idade estão morrendo”; “Penso que gostaria de ter conhecido a pessoa que morreu”; “Sinto-me chocado”; “Provoca pesar” e “Sinto-me impotente”.

A resposta mais citada pelos entrevistados é “Sinto tristeza”, adotada por 18 pessoas (26,1%). Em contrapartida, a expressão “Não provoca sentimento” foi dita por 16 pessoas (23,2%), e sendo a segunda mais utilizada.

O levantamento segue com “Sinto curiosidade”, para oito entrevistados (11,6%); “Sinto comoção”, para cinco pessoas (7,2%); e “Reflico sobre a vida” para quatro (5,8%). As falas “Penso em como será a minha morte” (4,3), “Sinto-me informado” (4,3) e “Sinto Pena” foram repetidas em três questionários cada (4,3%). Já a expressão “Penso como a pessoa era amada pelos familiares” foi dita duas vezes (2,9%).

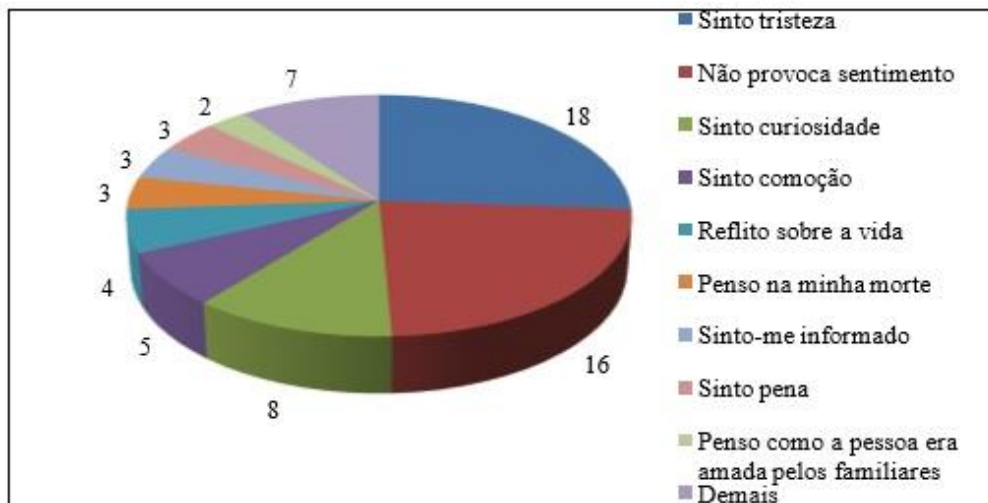


Gráfico 3. Fonte: elaborado pela autora.

Cada uma das respostas revela um sentimento ou pensamento dos entrevistados quanto à morte, através da leitura da seção de obituários.

A expressão “Sinto tristeza”, que foi a mais utilizada, aponta que a maioria das pessoas se sente triste ao ler os obituários. A tristeza pode estar relacionada com a idade do falecido, a causa da morte, ou até a sua história. Alguns podem se sentir tristes devido ao fato de um jovem ter morrido. Já outros podem se sentir dessa maneira ao perceber, através do texto, que o falecido tinha muitos sonhos a realizar. O motivo pelo qual os entrevistados sentem tristeza é particular e pode variar de acordo com a história contada em cada obituário.

A tristeza dos familiares e amigos do morto também é sentida, em proporções menores, pelos leitores dos obituários, que acabam compartilhando o pesar das pessoas próximas ao morto, mesmo que não as conheçam. Há um sentimento de empatia. Em relação ao pesar pela morte de alguém, Parkes (1998, p. 145) diz que “o pesar do luto pode ser forte ou fraco, breve ou prolongado, imediato ou adiado. Seus aspectos podem ser distorcidos e os sintomas que geralmente causam poucos problemas tornam-se grandes fontes de sofrimento”.

Quando as pessoas falam “Sinto comoção”, pode-se entender como uma tentativa de se colocar no lugar da família e dos amigos do falecido, e que se

solidarizam com a dor das pessoas. A comoção também pode ser sentida com relação a alguns dos temas abordados no texto, como a idade, a causa da morte e os hobbies que o morto tinha. Além disso, a comoção aponta a existência de emoção nos leitores que leem o obituário, como há de fato quando se trata da morte, o que representa “uma relação do homem com o sentimento diante da morte, assim, considerando que a morte era uma etapa a ser vivida por todos e que havia um espaço para sua compreensão e elaboração” (GUANDALINI, 2010, p. 21).

Quando diz “Penso que é uma má notícia” o leitor admite que, para ele, a morte é algo ruim. O mesmo acontece com aquele em quem o obituário “Provoca pesar”: para ele, o texto provoca sofrimento.

Os que dizem “Sinto pena” podem pensar dessa maneira em relação ao morto e também aos seus familiares. A pena é um sentimento que, assim como a comoção e a tristeza, mostra que o leitor solidariza-se com a morte. As cinco respostas: tristeza, comoção, má notícia, pesar e pena, ditas pelos entrevistados para expressar o que sentem ao ler os obituários, reúnem 28 respostas, o equivalente a 40,5% da amostra de 69 pessoas.

A resposta “Não provoca sentimento”, dada por 16 pessoas (23,2%), mostra que uma parte considerável da amostra lê os obituários sem envolver-se com o ocorrido. Esse grupo não é tocado emocionalmente pelo obituário, pois vê os textos como um material informativo, e os lê como se fossem matérias de qualquer outra editoria do jornal.

A expressão “Sinto curiosidade” revela um público que é atraído para o obituário através de uma foto, título, ou de algum termo mencionado no texto. Lage (2005, p. 83) destaca que “[...] a tendência dos jornalistas é considerar adequada a divulgação de informação de que se tem certeza, desde que haja ou possa haver interesse público”. Noticiar a morte de alguém desconhecido torna o passamento de conhecimento público, pois a morte chama a atenção das pessoas, que sentem curiosidade por fatos que a cercam. A idade com a qual a pessoa morreu é um dos itens

que mais desperta o interesse desse público. O leitor dessa categoria quer saber mais sobre a morte que está sendo contada na seção.

Para o grupo que diz “Reflico sobre a vida”, a leitura do obituário representa um momento de pausa, em que a morte de alguém serve para que reflita sobre a própria vida. Ele repensa as suas escolhas, os aspectos positivos e os negativos de sua existência. Geralmente a reflexão auxilia na tomada de decisões, com o objetivo de manter uma vida mais tranquila e feliz.

Os que dizem “Penso em como será a minha morte” veem o obituário como uma homenagem e pensam como os familiares poderão expressar admiração e tristeza assim que ocorrer o seu falecimento. Ao mesmo tempo, demonstram preocupação com a forma como será a sua morte, pois, como afirma Guandalini (2010, p.30) “a morte é vista apenas no sentido negativo, apenas como um fim do seu corpo físico”.

“Reflico em como será a minha morte” também quer dizer que as causas apontadas para os óbitos são analisadas, o que indica receio do óbito. Dessa forma, alguém que possui algum vício pode sentir-se impelido a mudar de hábitos caso ele seja o motivo de falecimento. Morin (1970) destaca que para o ser humano – mais do que às outras criaturas – a morte tem um peso crucial em todas as atividades que exerce. Segundo o autor, não há aquele que, em algum momento da sua vida, não tenha se questionado sobre a morte e com ela se preocupado.

A expressão “Sinto-me informado” revela que um grupo de leitores identifica caráter informativo no texto dos obituários e não o relaciona com emoções. Esse leitor aparentemente não emprega sentimento na leitura, sendo que confere o material apenas para verificar se há algum conhecido ou famoso entre os falecidos, o que indica distanciamento e falta de empatia.

Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 278) entendem que, sendo a informação um objeto de diversas definições, “não é fácil dar sobre ele uma boa idéia [sic] geral”. Para os autores, o termo “informação”, que dá origem à conclusão de sentir-se

informado, pode ser considerado a partir da psicologia cognitiva, da pragmática e dos gêneros discursivos.

Na psicologia, trata-se das percepções dos seres a partir da entrada e saída de um ambiente, que permite informar-se sobre algum sistema. A programática diz que “trata-se dos meios para descrever o conteúdo dos ‘estados mentais’” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 279), enquanto a análise utilizada neste estudo aponta, segundo os autores, a informação como um gênero discursivo. No discurso, a informação leva em consideração a finalidade, identidade e propósito do discurso informativo, e como a sociedade o recebe.

Quando diz “Penso como a pessoa era amada pelos familiares”, o leitor relata que nos textos percebe amor e admiração pelo falecido. O fato de os parentes encaminharem a morte à seção também é identificado como um ato de amor. A constatação faz com que ele reflita sobre a sua morte, e questione se será lembrado da mesma maneira.

Os leitores que falam as expressões “Penso na idade do morto” e “Penso que pessoas da minha idade estão morrendo” mostram-se preocupados com a faixa etária. Eles analisam as idades dos mortos para verificar se o seu falecimento pode estar próximo. A idade também chama a atenção quando a morte de um jovem é publicada. A fala atende ao critério de noticiabilidade de improbabilidade, quando a notícia menos provável é mais importante do que a esperada. Não se espera que jovens morram.

Algo semelhante acontece com aquele que diz “Sinto-me chocado”, que pode estar fazendo referência a diversos itens do texto: foto, idade, causa da morte, hobbies, entre outros. Isso quer dizer que algum dos termos provoca choque no leitor.

A expressão “Penso que gostaria de ter conhecido a pessoa que morreu” mostra que as histórias contadas na seção de obituários fazem com que o leitor consiga imaginar a personalidade do morto, suas histórias e gostos, o que acaba aguçando a vontade de ter conhecido a pessoa. Como o texto propõe-se a contar os fatos mais

importantes da vida de alguém, percebe-se que o objetivo está sendo alcançado, já que o leitor sente curiosidade a partir dos relatos.

Já o leitor que diz “Sinto-me impotente” reflete sobre as circunstâncias em que a pessoa morreu, como doença e idade, para dizer que queria fazer algo para salvar aquela vida, mas que não pôde. Esse leitor está ciente da finitude, e de que ela é real para todos os humanos, compreendendo a impotência perante a morte. Segundo Elias (2001, p. 7), “podemos encarar a morte como um fato de nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida”.

A questão 7 verifica se os leitores gostariam de ter sua morte anunciada na seção de obituários do jornal Zero Hora. O levantamento (Gráfico 4) leva em consideração a amostra de 170 pessoas entrevistadas, separando-as por idade e resposta.

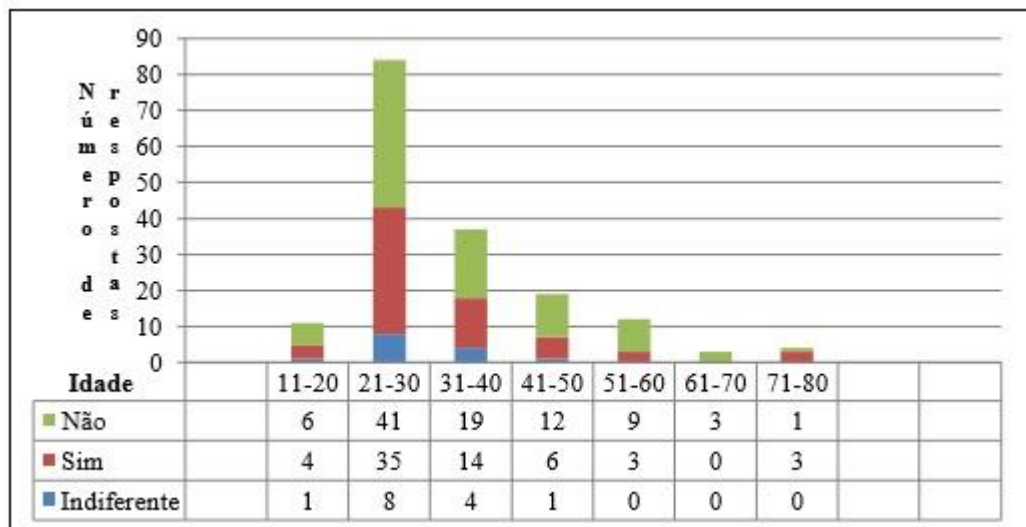


Gráfico 4. Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico aponta a idade dos entrevistados e os separa em cores, a partir da resposta à pergunta. Entre eles, 14 (8,2%) são indiferentes à publicação da sua morte. Oito (57,1%) acreditam que se trate de uma decisão da família. Sessenta e cinco (38,2%) pessoas gostariam que sua morte fosse publicada na seção, a maioria delas para informar parentes, amigos e pessoas que estão distantes. Já 91 (53,5%) entrevistados

não querem que sua morte seja informada através da seção. Entre eles, 36 (39,6%) acham isso desnecessário e representam a resposta mais comum.

Os indiferentes apontam com frequência as expressões “É uma decisão da família, não minha”; “Não tenho opinião formada a respeito”; e “não me importo com isso”. Quando dizem que se trata de uma decisão da família, não sua, os entrevistados reconhecem que são os familiares que vão decidir sobre a publicação, e por isso preferem não emitir uma opinião. Eles estariam satisfeitos com qualquer decisão.

A amostra que relata não ter uma opinião formada sobre o tema mostra que ainda não se colocou a pensar sobre a sua morte. O grupo até já pode ter refletido sobre a finitude humana e o falecimento de outras pessoas, mas ainda não reconheceu que também está sujeito a isso. As pessoas que não se importam com a publicação também demonstram que ainda não refletiram.

Entre os motivos apontados com frequência para o sim, estão “É uma maneira de informar amigos e parentes sobre o falecimento”; “Para que as pessoas me conhecessem” e “Porque sou conhecido na sociedade”. Portanto, a maioria do grupo reconhece o obituário como conteúdo informativo.

Alguns desejam que pessoas os conheçam através dos obituários. Eles pensam ter uma história de vida que possa atrair o leitor. Se sentem orgulhosos de tudo o que conquistaram e, por isso, querem que as pessoas leiam sobre a sua trajetória. Já os que dizem ser reconhecidos na sociedade desejam a publicação por vaidade. O grupo entende que a sua morte merece receber destaque, já que, para eles, são pessoas célebres.

Parte da amostra aponta respostas negativas à publicação. Entre elas, “Acho desnecessário”; “Gostaria que fosse em um jornal local”; “É um momento individual da família”; e “não sou famoso”. Quando diz achar a publicação desnecessária, o grupo reflete a ideia de que divulgar a sua morte não é algo relevante, entendendo que sua existência não é importante para a sociedade.



Aqueles que gostariam que sua morte fosse publicada em um jornal local são pessoas entrevistadas no Vale do Taquari. Com a fala, esse público revela valorizar mais as publicações locais. Isso também indica que essa amostra não acompanha as publicações de Zero Hora. Já os que justificam não serem famosos acreditam que é necessário ser reconhecido pela sociedade para ter a morte publicada na seção. Um dos entrevistados inclusive diz se sentir irrelevante para os obituários.

Ao dizer que se trata de um momento da família, não da sociedade, alguns entrevistados demonstram introspecção. Eles preferem que a sua morte seja somente de conhecimento de pessoas próximas, diferente do que acontecia em séculos passados, já que agora o falecimento se tornou um processo súbito. “A morte é vista apenas no sentido negativo, apenas como um fim do seu corpo físico” (GUANDALINI, 2010, p. 30).

## **Considerações Finais**

Os humanos estão fadados à morte desde o nascimento. A consciência da finitude faz com que esse processo natural seja compreendido como um acontecimento social. Por isso, a morte recebe destaque nos jornais. Os textos despertam a atenção do leitor e, por esse motivo, os impressos investem nesse tipo de publicação.

No caso dos obituários, o tema aguça a curiosidade do leitor, pois apresenta detalhes da trajetória do falecido. É uma notícia que têm caráter social, porque presta serviço de utilidade pública ao informar a comunidade acerca do ocorrido.

A maneira como os homens veem a morte mudou com o passar do tempo. O processo de mutação já enfrentou diversas etapas e, atualmente, está na fase de rejeição. O momento recente se reflete, principalmente, com relação ao próprio falecimento. Nesse caso, a maioria das pessoas não quer que a notícia de sua morte seja divulgada em jornais, na tentativa de diminuir o acontecimento. Porém, ao lerem obituários, elas

não imaginam que poderão ocupar essa página. Logo, conclui-se que, apesar de saberem que a morte é real, as pessoas não estão preparadas para enfrentá-la.

Diferente do que acontece com o próprio óbito, a maioria das pessoas aprova a publicação de notícias de morte em jornais. Isso acontece porque o texto desperta curiosidade, geralmente pelo fato de o leitor não conhecer a pessoa que faleceu. Independentemente da causa do óbito, se trágico ou não, a sociedade tem a necessidade de saber mais sobre o ocorrido. O tema se torna assunto de rodas de conversa, seja ao tratar do falecimento de alguém próximo ou de um desconhecido. As circunstâncias do fato chamam a atenção dos leitores, que repercutem esses detalhes.

Os leitores mais preocupados com a morte estão na faixa de 41 a 50 anos. Eles acham que ainda têm muito a fazer. Os jovens não demonstram tanto interesse pelo tema. Eles não pensam que a morte pode atingir os mais novos. Os idosos, por sua vez, muitas vezes se identificam com a seção e reconhecem personagens apresentados no obituário. Talvez porque estejam se preparando, mesmo que inconscientemente, para a sua morte.

Percebe-se que a imagem é fundamental no obituário, sendo o item que mais desperta a atenção dos leitores. Por vezes, é ela que conduz os olhos do espectador até o texto. A imagem serve para personificar a escrita, auxiliando o leitor a imaginar como seria a pessoa, com a ajuda da fotografia e das características da personalidade do morto descritas no texto.

A leitura dos obituários provoca sentimentos e pensamentos nas pessoas. Muitos leitores se solidarizam com a morte. Mas isso não acontece com todos, já que alguns não se envolvem emocionalmente com o texto. Com isso conclui-se que as pessoas reagem de maneiras distintas perante o óbito, pois o luto é sentido de maneiras diferentes. Considerando a amostra analisada, pode-se entender que o sentimento predominante é de tristeza, indicando que apesar das mudanças na forma de encarar a morte e da sua presença constante nos meios de comunicação, o assunto ainda é tabu para grande parte da sociedade.

## Referências

ARIÉS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CAPUTO, Rodrigo F. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Revista Multidisciplinar da Uniesp**, São Paulo, n. 06, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2015

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1999.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIACOIA, Oswaldo Jr. **A visão da morte ao longo do tempo**. Simpósio Morte: Valores e dimensões, Ribeirão Preto- SP, 2005. Disponível em: <[http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1\\_a\\_visao\\_morte\\_longo\\_tempo.pdf](http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo.pdf) >. Acesso em 12 abr. 2015.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GUANDALINI, Felipe C. **As transformações da relação do homem com a morte**. Artigo apresentado a título de especialização na Pontifícia Universidade Católica do Paraná Câmpus Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/monografias/Felipe%20Correa%20Guandalini%20AS%20TRANSFORMACOES%20DA%20RELACAO%20DO%20HOMEM%20COM%20A%20MORTE.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

KOVÁCS, Maria J. **Morte e Desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LAGE, Cláudia; BENETTI, Marcia L. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Publicações Europa-America, 1970.

PARKES, Colin M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

SEIXAS, Lia. **Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos**. São Paulo-SP: Galaxia, 2013.